

Para um Reentender da Violência

JOÃO GOMES-PEDRO

Resumo

O A. considera que a violência enquanto fase do ciclo da adversidade na criança é uma situação de disfunção adaptativa que deverá ser prevenida através de estratégias específicas, tão cedo na vida, quanto possível.

As estratégias preventivas terão de ser direccionadas para a família, assumidas pelos profissionais da Saúde e da Educação a par dos políticos, supostamente motivados para o efeito.

O A. considera que a violência repercutida na negligência e no abuso de crianças, deverá impor um novo código moral a ser favorecido nos sucessivos pontos de viragem do desenvolvimento.

Palavras-chave: Violência; Desenvolvimento; Vulnerabilidade; Adversidade; Resiliência; Pediatria.

Summary:

Re-understanding Violence

The A. considers violence, understood as a stage in the cycle of adversity in childhood, to be an adaptive dysfunction which should be prevented as early as possible in life, using specific strategies.

Preventive strategies must be applied to the family and assumed by health and education professionals, as well as by politicians, presumably motivated to this effect.

The A. considers that violence leading to child abuse and neglect should impose a new moral code, favoured at each developmental touch-point.

Key-words: Violence; development; vulnerability; adversity; resilience; paediatrics.

Nalgumas imagens, hoje recuperadas pela Arqueologia, podem identificar-se flechas enterradas em tórax de adultos jovens. O que é, porventura, ainda mais surpreendente é que essas figuras representam esqueletos de homens pré-históricos que viveram há 12.000 anos em várias regiões do mundo.

Na crónica da primeira batalha da Humanidade, contada através da arqueologia, um grupo de homens, mulheres e crianças sentados à volta de uma fogueira celebrando, a cantar, alguns ritos mágicos foi subitamente surpreendido por um ataque desenfreado de um grupo de guerreiros decorados com pinturas rituais que dizimaram, em poucos minutos, a golpes de lança e de flecha, os caçadores-coletores pacificamente envolvidos nos seus rituais de fogo.

A idade da pedra tida, exemplarmente, como o período pacífico da humanidade não será, afinal, senão mais uma lenda da história do Homem.

Análises de ADN revelam vestígios de sangue de vários outros humanos na roupa de Otzi, uma das mais famosas e bem conservadas múmias dos Alpes, com pelo menos 5000 anos de existência.

A violência será, afinal, uma das muitas expressões inatas do Homem, testemunhada pelas emoções e pelos comportamentos dos nossos bebés?

Nas imagens de creche, do nosso quotidiano identifica-se, a toda a hora, imagens de violência.

Será assim, a violência, uma fatalidade biológica? Estaremos todos determinados para a violência, para a agressividade?

Partilhamos 98% dos nossos genes com os chimpanzés e será porventura oportuno avaliar alguma da ancestralidade da violência através do estudo do seu comportamento relacional.

Para muitos dos estudiosos das Ciências Humanas é a socialização e o relacionamento grupal que são, ao mesmo tempo, o motor e o travão dos comportamentos violentos.

Para muitos autores que se dedicam ao estudo da violência, a agressividade resulta de uma necessidade de afirmação sempre que há um confronto ou uma disputa.

No quadro que Tintoreto pintou em 1550 está representado o mais célebre dos crimes da humanidade repre-

sentando o fratricídio original – Caim mata Abel, aparentemente sem dó nem piedade.

Tenho perguntado a vários amigos, ilustres investigadores e professores dos vários ramos da ciência e da cultura, como é que cada um define violência. Assinalo com alguma surpresa e, quiçá, com curiosidade, as respostas distintas, porventura complementares, à minha questão.

Julgo que as diferenças de posicionamento se devem não só à formação original de cada um dos intelectuais inquiridos mas, também, ao facto da profunda controvérsia sobre a fenomenologia da violência.

Sabemos cada dia mais sobre a neurobiologia da violência, sobre antropologia e estudos animais comparados, sobre a psicologia social que estuda os comportamentos dos grupos, sobre a depressão e a solidão, sobre o stress e conhecemos, também, os novos desafios sociais e culturais transpostos nas novas expressões da adversidade, patentes na televisão, nas desadequações familiares e nas disfunções sociais.

Sabemos que em todas estas transposições a vítima mais sensível e mais exposta é a criança, apesar das protecções protagonizadas pela família.

Para a maioria dos meus inquiridos, a violência enquanto expressão de agressividade, deverá ser entendida como um reflexo de sobrevivência, como uma energia específica, como uma necessidade de auto-afirmação.

Será esta uma explicação a nível individual faltando a fundamentação para a violência de grupo, da sociedade e dos Estados.

Keeley⁽¹⁾ não aceita a interpretação original de Konrad Lorenz, etologista austríaco que enquadra a violência como uma fatalidade biológica contrapondo ser o enquadramento social e cultural o que inspira os comportamentos agressivos de massa.

Em vários campos de concentração morreram centenas de milhares de judeus a quem fora prometido, antes de lá entrarem, um duche retemperador. Tal como bichos, encostados, nus, uns aos outros, em poucos minutos morriam gaseados num sofrimento individual e colectivo que os vários escritos e relatos testemunhais não conseguem explicar, nem muito menos narrar.

O que explica os genocídios no Kosovo, no Ruanda, em Timor, em Angola?

Não são, de facto, os interesses materiais que mobilizam grupos sociais uns contra os outros, grupos esses que conviveram durante anos e anos e de que resultaram cruzamentos de famílias, de trabalho, de crenças e até de políticas.

São manipulações de natureza política, religiosa e mediática que podem explicar os absurdos a que, progressivamente, vamos reagindo adaptativamente, tal como aconteceu com a orquestração da guerra do Iraque.

O contrário da violência será, porventura, mais fácil de explicar ou definir. Não será a doçura relacional nem a paz

dos costumes.

O contrário de violência é o "mundo moral interior" que fornece os valores para a coerência e para a autoconsciência de cada um.

Creio que existirá, ainda, outra razão, para a relativa divergência nas definições de violência.

Todos os executivos das ciências humanas estarão a sentir uma necessidade essa sim, convergente, em bascular para um novo paradigma explicativo dos fenómenos do comportamento humano, na nossa época.

A visão determinista em que o Homem e a sociedade eram explicados em função de estruturas, de funções ou de leis desenvolvimentais, tem os dias contados.

Impõe-se uma nova representação do humano, capaz, nomeadamente, de explicar, porventura, o inexplicável.

A violência que hoje domina o homem actual faz parte deste inexplicável.

O modelo fractal, tão associado à teoria do caos, mostra que as figuras aparentemente caóticas que se encontram na natureza, podem representar evoluções de figuras geométricas simples.

Em 1977, Edgar Morin⁽²⁾ publicou a *Natureza da Natureza*, primeira parte de uma obra fundamental que intitulou "Método" e que é, afinal, uma proposta para um novo passo do pensamento capaz de explicar a complexidade da natureza humana.

Morin vê o modo social como algo em que ordem e desordem se misturam e em que actos individuais e acontecimentos sociais são, ao mesmo tempo, causa e efeito da dinâmica social, a qual, por vezes, para nós, se configura próximo do caos.

A desordem que, por vezes, identificamos com a violência, provoca-nos angústia porque o caos já se enquadra, de algum modo, na violência.

Este sentimento alimenta o fantasma do totalitarismo, da globalização, da ordem do poder, remédio aparentemente irradicador de toda e qualquer desordem e, por isso, apaziguador do medo.

Medo, ansiedade e stress são os componentes inseparáveis da vulnerabilidade no ser humano, tornada crítica nas primeiras idades da vida.

É o stress não apaziguado que gera o sentimento de absurdo na criança.

Todo o bebé comunica chorando, todo o bebé recém-nascido apresenta manifestações de stress tais como sustos, tremores e mudança brusca de cor de pele, quando manipulado.

Porém, basta aparecer a cara da mãe para que o equilíbrio se restabeleça e, quando porventura o desaire ansioso é maior, aquele equilíbrio restabelece-se com o aconchego do abraço da mãe, com um peito que se oferece, com uma festa sua que acompanha o cheiro do seu pescoço, com uma voz voz ritmada qual melodia que o bebé já conhece

desde, pelo menos, o último trimestre da gravidez.

A problemática da ansiedade e do stress evolui com a história, com os costumes e com as expectativas das sociedades e, por isso, são mutantes os condicionantes da adversidade e da desadaptação potencialmente projectados em cada criança.

Se voltássemos agora à Europa do século XV, acreditaríamos que as bruxas trazem o mau olhar e a doença, que o castigo físico aplicado à criança impõe uma autoridade indispensável condicionada pelo medo e que a procura do prazer sexual, em si mesmo, consome a energia vital do homem e a sua potencial protecção divina.

Na época de Santo Agostinho o medo era um aliado da doutrina. De facto, o propósito, com projecção social, era o de controlar todo e qualquer desejo hedonístico, configurando-se, então, o inferno enquanto caos.

Os tempos mudaram, Nos nossos dias, o propósito é conquistar status e afirmação mediática, é fazer dinheiro, é ampliar o espectro social dos conhecimentos, é seduzir outros; nestas circunstâncias, é óbvio que o medo é o inimigo do sucesso.

O medo alia-se hoje à violência com circuitos quase sobreponíveis, em termos de estimulação central, tanto ao nível da amígdala como do cortex pré-frontal.

Somos bombardeados em cada telejornal com esta confluência de temas.

Os noticiários, infalivelmente, começam com a história de um crime, de um ataque terrorista, de uma estatística de sida, com um desastre ambiental ou com o relato dum acidente numa qualquer auto-estrada.

A violência conquista audiências!

Do que não se fala nos telejornais é da progressão exponencial das doenças do stress nas nossas crianças e nos pais das nossas crianças. Se, porventura, há por vezes, referências ao aumento, também exponencial, de vendas de benzodiazepinas, de Prozac e de outros antidepressivos, não existe, porém, mesmo nos debates com vários especialistas, a explicação cuidadosa e profunda da génese da violência e do desajuste comportamental.

A doença da hiperactividade com défice de atenção, será um dos paradigmas da evolução deste desajuste. Existem evidências do paralelismo entre o aumento de prevalência do ADHD e a depressão materna...

Independentemente das influências genéticas mediadas por um comportamento familiar herdado, parece existir uma associação de factores ambientais, designadamente relacionais que explicam os desajustes.

Por razões académicas, leio e avalio uma vasta panóplia de teses de mestrado e de doutoramento cuja base metodológica é, frequentemente, constituída por questionários nem sempre validados e que procuram provar algumas tendências ou expressões que poderemos congregar numa vasta temática que é a da emocionalidade.

O que direi, em termos de consciência científica, é que, de uma maneira geral, nem os questionários acrescentam algo de significativo ao enigma da emocionalidade humana nem os circuitos neurais explicitados na investigação experimental com ratos esclarece, porventura complementariamente, muita da complexidade do cérebro humano.

É extremamente interessante a imagem que António Damásio nos dá sobre o funcionamento cerebral. Damásio questiona dois constructos que transforma em metáforas.

A primeira diz respeito ao modo como realizamos o nosso filme no nosso próprio cérebro, em função das emoções, dos sentimentos após estimulação sensorial seja ela visual, auditiva, táctil ou olfactiva, tudo no seu conjunto constituindo o "multimedia show" a que habitualmente chamamos mente.

A segunda questão diz respeito ao self, ou seja ao modo como habitualmente construímos um sentido de nós no próprio filme em que somos, simultaneamente, realizadores e espectadores.

Numa das suas obras primas – "Mercado de escravos com desaparecimento do busto de Voltaire" – Salvador Dali põe em evidência, através da criação de imagens ambíguas, a complexidade do sistema nervoso central humano. Percepcionar o busto de Voltaire versus três figuras em função da distância a que se está do quadro ou, tão simplesmente, em função do circuito de disponibilidade que a nossa expectativa constrói no filme que fazemos correr dentro de nós, é um desafio da neurociência que Dali porventura concebeu não como cientista mas como artista sublime que foi.

O sentimento de nós, por este lado, emerge do filme em que nos fazemos passar quando, por exemplo, interagimos com alguém. O sentimento de nós irrompe como um sentimento do "happening" que estamos a viver.

As novas imagiologias tais como a PET (tomografia de emissão de positrões) e a fMR (ressonância magnética funcional) revelam todas as regiões do nosso cérebro que estão envolvidas em cada um dos processos de descoberta, num determinado momento do "filme" que estamos a realizar.

À medida que adquirimos mais saber sobre a natureza operacional dos circuitos neurais do nosso sistema nervoso central, passámos a perceber melhor alguns dos mecanismos da ansiedade.

Regresso a esta temática central por a achar vital para a explicação de muitos factos da clínica do comportamento infantil.

O medo do estranho ou a ansiedade da separação da mãe têm expressões extremamente distintas quer na sua fenomenologia quer na idade de aparecimento das crianças que observamos.

Bebés de dias extremamente stressados e extremamente lábeis no controlo dos seus estádios, desenvolvem, mais tarde, padrões de ansiedade distintos das crianças que

potencialmente colocamos numa mediana de semiologia comportamental.

Numa pediatria global estes dados são extremamente significativos.

Muitas crianças tímidas e ansiosas quando, por exemplo, experimentam situações menos familiares ou menos protegidas, produzem grandes quantidades de hormonas do stress, designadamente cortisol.

Estas hormonas asseguram entre outras evidências a energia muscular necessária ao "luta ou fuge". Sabemos, porém, em contrapartida que a produção exagerada e continuada destas hormonas pode contribuir para a génese de úlcera gástrica e de doenças cardiovasculares anos mais tarde, anos estes que são cada vez mais cedo na dinâmica do ciclo de vida.

Ainda por outro lado, crianças mais medrosas, mais stressadas e mais ansiosas são mais susceptíveis a patologias do foro imunoalergológico.

Os estudos na "macaca mullata" parecem traduzir muito do que se passa na nossa espécie.

Uma mãe macaca reage com uma face de stress à aproximação de um estranho. A boca aberta e o olhar parecem querer intimidar esse estranho que se aproxima. Na espécie humana, o jogo social faz substituir a imagem exterior, nomeadamente envolvida neste tipo de reacção de defesa por um aumento de frequência cardíaca ou por uma subida do cortisol em situações que, porventura, a mãe identifique como ameaça.

Há mais de 40 anos, Harry Harlow⁽³⁾ demonstrou que um jovem macaco separado da sua mãe prefere um modelo de arame forrado de pele simbolizando a figura e o pelo da mãe a um outro modelo sem pele mas com um biberão acoplado.

Ficou demonstrada a preferência inequívoca ligada ao contacto e proximidade maternal.

Demonstrámos, em 1984, esta mesma expressão preferencial em mães e bebés da nossa maternidade.⁽⁴⁾

Kalin e Shelton⁽⁵⁾ expuseram jovens macacos com idades entre seis e doze meses a três situações distintas.

Na primeira, o jovem macaco ficou sozinho na jaula, separado da mãe, durante 10 minutos.

Ficou medianamente activo emitindo sons do tipo "coo" para atrair a sua mãe.

Na segunda situação, uma pessoa ficou em frente da grade sem olhar para o macaco.

O jovem macaco ficava hirto ou escondido atrás do écran.

Na terceira situação uma pessoa ficou em frente da grade olhando para o macaco mas sem expressão comunicativa ou seja com expressão totalmente neutra.

O jovem macaco desenvolvia, fiavelmente, comportamentos do tipo agressivo.

Kalin e Shelton⁽⁵⁾ sustentam que estas situações reproduzem muitas das circunstâncias que os primatas encontram

na vida selvagem à imagem das cenas de bebés humanos da mesma idade em creches ou outros serviços de educação.

A investigação animal tem demonstrado que é nestas idades que algumas regiões do sistema nervoso central muito especialmente o cortex pré-frontal atingem a sua maturidade (precisamente entre os 9 e os 12 meses), viabilizando assim que seja possível aos macacos desta idade interpretarem já os estímulos sensoriais recebidos, condicionando assim as suas reacções tão bem expressas nas imagens observadas.

O comportamento dos jovens macacos mullata tal como o comportamento dos nossos bebés, depende, fundamentalmente, de expectativas relacionais.

É na frustração das mais elementares expectativas geneticamente pré-determinadas e assumidas como vitais na condição humana na fundamentação de toda a evolução científica já adquirida, é essa frustração, dizia, o primeiro condicionante da violência.

Os fantasmas do berço acompanham-nos na vida e é esta uma verdade fundamental que porventura ainda não foi assimilada pelas políticas sociais, da educação e da saúde.

Cada vez mais, para mim, a definição de violência assume, mais do que um pendor legal, social ou moral, uma evidência de lacunas na expectativa de afectos. A frustração de uma expectativa relacional feita de proximidade e ternura, representa uma violação dos condicionantes naturais que faz acordar os fantasmas, novos ocupantes do lugar dos nossos anjos da guarda.

Os seres humanos lutam por dar sentido às suas experiências e às suas relações. O significado que lhes atribuem depende das crenças acerca deles próprios e da forma como interpretam as suas próprias relações anteriores. Este significado pode mudar ao longo do ciclo de vida. De facto, altera-se como resultado da maturação dos outros sistemas e também quando uma pessoa se move de uma cultura para outra. Quando tal ocorre, muitas das assunções fundamentais sobre o *self* e sobre as relações são confrontadas e muitas vezes modificadas. Acontecimentos históricos e ambientais, tal como guerras, fome, abuso sexual ou violação de outros direitos humanos influenciam também a forma como as pessoas, numa dada cultura, se percebem a si próprias. De facto, mais importante que o conjunto de experiências em si mesmas é a interpretação pela criança e pela família do significado transaccional daquelas experiências nos sistemas individuais. Uma interpretação pessoal ou de grupo dentro da família implica-se em múltiplos outros factores que influenciam o estado cognitivo da criança, as suas expectativas e crenças, a sua própria identidade e maturidade moral e, sobretudo, as forças dos seus vínculos. A forma como o temperamento é individualmente construído irá determinar a capacidade de cada um para lidar com a mudança e, também, para gerir as estratégias adaptativas.

A adaptação ao longo da vida depende, efectivamente, do modo como cada pessoa lê ou interpreta a contingência das suas relações. Neste contexto, o mais importante não será meramente o que acontece factualmente nessas relações mas, mais significativamente, ainda, o modo como essas relações são interpretadas. É assim que, quando os factos ultrapassam os limiares individuais, eles podem desencadear novas leituras ou interpretações dos sistemas individuais.

O estudo das crianças de alto risco que manifestam inequívocas vulnerabilidades contribuiu grandemente para o nosso conhecimento acerca das influências que ocorrem na socialização da criança. Por exemplo, a investigação feita em populações onde ocorrem padrões divergentes de desenvolvimento sociocultural e sócio-cognitivo demonstra o peso das influências mais prolongadas que decorrem das interações entre criança e ambiente de risco. É o caso das crianças maltratadas, abusadas e negligenciadas.

A avaliação do desenvolvimento ajuda-nos a perceber todas as reorganizações qualitativas que ocorrem dentro dos sistemas comportamentais ao longo do ciclo de vida.

Admite-se que muita da psicopatologia clínica representa uma falha na interpretação das competências sócio-emocionais e afectivas que estão subjacentes à adaptação num determinado nível de desenvolvimento.

O conceito de risco social terá, assim, de ser assumido na perspectiva das interações que decorrem das primeiras experiências da criança quando, ainda enquanto feto, ou recém-nascido, começa a ser ela própria e a sua circunstância, em simultâneo com sonhos e expectativas e com a construção dos primeiros vínculos.

A violência e a negligência, a vulnerabilidade e a disponibilidade para a infracção, a vitimização e a participação em todas as outras situações irregulares, especialmente aquelas que estão em conflito com a lei, assim como a delinquência e abuso de drogas, são tudo situações de disfunção adaptativa que têm de ser prevenidas através de estratégias específicas, no timing devido

O impacto da pobreza, com todas as suas consequências no início do desenvolvimento da criança, não está ainda completamente estudado. Do mesmo modo, existe ainda um conhecimento limitado sobre o stress que a criança sofre nos primeiros anos, em termos de discriminação, especialmente relacionada com o sexo, com a raça, com as etnias e com a religião e crenças. Estratégias preventivas para todos estes tipos de disfunções terão de ser direccionadas para a família, assumidas pelos profissionais de saúde e educação e, também, pelos políticos. Todos eles são desafiados a compreender e interpretar a importância do que acontece nas primeiras fases da vida, bem como nas transacções subsequentes do seu desenvolvimento.

Tem-se admitido que as experiências mais precoces, nas quais o afecto desempenha um papel essencial, embo-

ra não totalmente clarificado cientificamente, têm um impacto enorme na construção dos sistemas de comunicação pais-filhos e também nos processos de vinculação compreendidos, assim, como um fenómeno dinâmico do desenvolvimento.⁽⁶⁾

A natureza crítica das experiências precoces situa-se, de facto, na interacção entre experiência e o sistema nervoso central de cada um. Neste contexto, os estudos neurofisiológicos publicados nos últimos anos, representam uma informação complementar extremamente valiosa, sublinhando o significado da globalidade dos processos interactivos, desde os primeiros estádios do desenvolvimento.

A violência e a vulnerabilidade são factores coexistentes e co-responsáveis no ciclo vicioso do risco da adversidade na criança e, de modo ainda mais significativo, quando a criança é bebé, porquanto é nesta fase que se estrutura e se modela a arquitectura cerebral e, de modo especial, a sua modelação.

Repare-se num exemplo em que coexistem vários factores responsáveis no que chamo de ciclo da adversidade.

Reflectamos nesta pequena história:

No meio da noite, em 11 de Maio de 1993, algures num noroeste rural dos Estados Unidos da América, um velho de 84 anos foi agredido até à morte.

Três "teenagers", todos toxicodependentes, juntaram-se numa farra nocturna que incluiu roubo de carro, roubo de supermercado e depois crime.

Os jovens bateram à porta da casa do velhote e invadiram o interior dizendo precisarem ir à casa de banho. J. confirmou depois ter batido na cabeça da vítima com a lanterna que ele lhes tinha emprestado para encontrarem o seu caminho. Depois de cair ao chão foi pontapeado pelos jovens e ficou inconsciente. Foi encontrado assim na tarde do dia seguinte por um vizinho. Vivera ali toda a sua vida e ali criara os seus filhos, netos e bisnetos.

Morreu alguns meses depois sem nunca ter recuperado a consciência.

Os jovens foram identificados e reconhecidos por testemunhas como sendo J. de 16 anos, R. de 17 e C., namorada de R. com 14 anos.

C. não foi condenada. R. foi condenado por roubo com pena de 20 anos; J. foi considerado culpado de roubo, agressão e homicídio. Foi condenado à morte.

Em Agosto de 1996 J. fez, entre outros, o seguinte depoimento:

"A minha avó esteve metida com drogas logo a seguir ao nascimento do primeiro filho; a minha mãe começou a fumar marijuana com 11 anos; a minha mãe ficou grávida do meu irmão com 14 anos; o meu pai começou a bater na minha mãe, sobretudo quando estava bêbado; estavam sempre a atirar coisas um ao outro".

Uns meses depois, outro depoimento consta do processo penal.

"A minha avó contou-me que quando eu nasci não respirei logo; levaram-me para outro sector do hospital; a minha avó contou-me que a minha mãe queria muito saber de mim e gritava – Quero o meu bebé, quero o meu bebé."

"A minha mãe contou-me que eu estava sempre com cólicas. Na escola não me adaptei e chamaram a minha mãe para conversarem com ela. Aconselharam-nos a ir consultar o Dr. R que me diagnosticou ADHD. Aconselhou eu começar a tomar Ritalina porque me ia tornar mais calmo ..."

No tribunal testemunhou um psicólogo forense com o seguinte depoimento:

"Os testes psicológicos e a avaliação psicossomática mostram que ele (J.) não é nem psicopata nem sociopata. Ele tem um problema de controlo dos seus impulsos. Por vezes faz coisas sem ser capaz de parar o que está a fazer. Ele percebe quando está a fazer mal e também percebe que, por vezes, faz coisas certas acontecendo fazê-lo excessivamente.

Está constantemente a chamar a atenção para si como se estivesse privado dela.

Possui competências sociais suficientes para interagir com outras pessoas, mas as suas relações, na maioria das vezes, não passam de superficiais... Provém de um ambiente familiar extremamente caótico, tenso e abusivo, sem disciplina e sem valores. Não é pois surpresa que, em função do ambiente familiar existente nos seus primeiros tempos de vida, demonstre muitas dificuldades nas suas relações interpessoais. Seria esta a expectativa. Se não se aprende como agir face a cada situação, em casa e na família, age-se desadequadamente em todos os outros sítios. Se, porventura, persiste este padrão de dificuldades interpessoais, a raiva, o medo, a ansiedade, o stress, enfim a violência imparável pode acontecer.

Para lidar com este aflitivo e imprevisível ambiente familiar J. aprendeu a pensar nele primeiro e só depois nos outros. Funcionou dentro da mediana em termos das suas capacidades intelectuais e abaixo dessa mediaia na sua capacidade de controlar os seus impulsos.

Quando foi avaliado, revelou uma ansiedade extrema e estava, também, extremamente deprimido. Teve problemas de álcool e de drogas desde um período precoce da vida. Muitas destas drogas que ele usou e de que abusou são, declaradamente, elementos agressivos da região límbica do cérebro."

Ouso fantasiar os comentários que autores consagrados fariam, a propósito destes relatos.

Robin Karr-Morse⁽⁷⁾ acrescentaria só a este depoimento o que afinal é o título do seu excepcional livro – "Os fantasmas do berço". Eles pairam na vida de J. que foi tão curta.

Greenough⁽⁸⁾ acrescentaria também outro elemento que constitui a súmula do seu trabalho:

"Os períodos críticos são um facto porque as células que captam determinadas informações existem num período

do limite a partir do qual desaparecem, eliminadas que são do sistema nervoso central".

Bruce Perry⁽⁹⁾ por seu lado, perante a história de J. reforçaria a sua máxima:

"Não é o dedo que puxa o gatilho tal como não é o pénis que viola; é o cérebro".

Acrescentaria eu – Não é o punho que bate, não é o pé que pontapeia ...

De um modo global podemos reafirmar com todos os autores que têm dedicado as suas vidas ao estudo da violência que as funções cerebrais emergem da experiência humana e é esta experiência física, cognitiva e, sobretudo, emocional que faz a diferença nos primeiros trinta meses de vida.

Esta experiência crucial é potenciada pontualmente pelos anjos da guarda do berço que são todos os protectores do vínculo que os artistas da história tentam exprimir como algo que sabemos ser mais que ternura ou, por outro lado, aquela experiência poderá ser negativamente potenciada pelos fantasmas do berço que os artistas contemporâneos só recentemente começaram a representar porque também só recentemente, em termos históricos, é que os determinantes da adversidade se transformaram em verdadeiros fantasmas.

São estes fantasmas que vemos nas Casas Pias deste país, que vemos nos bairros da Cova da Moura, nos bairros de S. João de Deus, nos parques Eduardo VII, etc.

A violência das crianças e jovens abusados sexualmente, as crianças e jovens vítimas da guerra, as crianças e jovens maltratados e negligenciados, impõem-nos um novo código moral, uma nova intransigência, uma nova justiça penal e, sobretudo, um novo propósito educacional e um novo entender do desenvolvimento humano.

Tudo isto porque o essencial permanece escondido.

No fundo do iceberg, em casas porventura mais ricas mas sem paz, em aglomerados que são sociais mas não são famílias, em gente que porventura produz algum trabalho, porém numa pretensão de construir, tão só, mais riqueza para se exhibir, que vive com pressa, que precisa dos outros mas vive num silêncio de amor, no fundo deste imenso iceberg, dizia, há crianças tristes, sós, que desistem de si, que crescem enjauladas como os seus pássaros.

A semiologia que os médicos aprendem e os testes que os psicólogos usam não conseguem avaliar ou identificar estes fantasmas.

A violência faz parte do homem.

O que mudou, porém, foi o propósito.

Deixem-me sumarizar: dominar substituiu a luta pela sobrevivência; marcar território é o objectivo tal como nos bichos; conhecemos hoje a neurobiologia do medo, da ansiedade e do stress; conhecemos hoje os determinantes do ciclo vicioso da adversidade; sabemos ser a criança o receptor final de todos os efeitos da violência, qualquer que seja o seu grupo social.

Mais do que o afecto, o que é relevante é o modo como a criança interpreta tudo aquilo que lhe vai acontecendo.

Não estamos preparados para a violência, para o seu diagnóstico, para o seu tratamento e, sobretudo, para a sua prevenção, obrigatória nos primeiros tempos de vida.

É este o grito de alerta.

...

Deixem-me contar-vos uma última história, muito curta, mas para mim muito sensível.

A Xiana é uma amiga minha pequenina. Tem só dois anos.

Os pais estão em processo de separação e a Xiana sente a tensão, a ansiedade, por vezes a violência nas palavras.

A Xiana esteve no outro dia no meu colo e pôs-se a olhar a lua. A Xiana adora a lua.

Era uma lua pequenina porque era quarto minguante.

Agarrou-se a mim e disse-me ao ouvido:

"A lua chorou muito e ficou pequenina. A Xiana é pequenina."

A Xiana também tinha chorado.

É preciso saber de choro, saber de lua, saber o que é ser pequenino para entender o que é a violência.

Minguar, tal como acontece com a lua será, porventura, a primeira das expressões de falta. Assumamos, de violência ...

A violência passou a ser, quanto a mim, um dos capítulos fundamentais da Pediatria.

E, por isso, este artigo no órgão editorial da Pediatria portuguesa.

Bibliografia

1. Keeley L. Les guerres préhistoriques. In: Rocher, ed. Paris, 2002
2. Morin E. *La nature de la nature*. In: Gallimard, ed. Paris, 1997
3. Harlow H.F., Harlow M. Effects of various mother-infant relationships on rhesus monkey behaviours. In: Foss R.M. (ed). *Determinants of Infant Behaviour*, vol.4. London: Methuen, 1969.
4. Gomes-Pedro J., Bento Almeida J., Silveira Costa C., Barbosa A. *Influence of early mother-infant contact on dyadic behaviour during the first months of life*. Dev. Med. Child Neurol. 1984; 26:657-64
5. Kalin N.H., Shelton S.E. Defensive behaviors in infant rhesus monkeys: environmental cues and neurochemical regulation. In: Science, vol 243, 1718-21, 1989.
6. Gomes-Pedro J. The infant and family in the 21st century. In: The Infant and Family in the 21st Century, J. Gomes-Pedro, J. K. Nugent, J. G. Young and T. B. Brazelton (editors), Brunner-Routledge. New York, 2002.
7. Karr-Morse R., Wiley MS. *Tracing the roots of violence*. The Atlantic Monthly Press. New York, 1997
8. Greenough W.T. *Structural correlates of information storage in the mammalian brain: a review and hypothesis*. Trend in Neurosciences; 7: 229-33, 1984
9. Perry B. Neurodevelopmental aspects of childhood anxiety disorders: neurobiological response to threat. In: Coffey C.C., Brumback R.A., eds. *Textbook of Pediatric Neuropsychiatry*. American Psychiatric Press. Washington DC, 1998.